

O Valor do Não Dito: A Construção de Hannibal Lecter em *Dragão Vermelho* e o Empobrecimento de sua Origem

RAFAELLA LOUZADA DE FREITAS; JOAO LUIS PEREIRA OURIQUE

Universidade Federal de Pelotas – ella.loufreitas@gmail.com
Universidade Federal de Pelotas – jlourique@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O personagem Hannibal Lecter figura entre os mais complexos e perturbadores da literatura contemporânea, alcançando projeção internacional a partir da obra *Dragão Vermelho* (1981), de Thomas Harris. Nesse romance, Lecter é construído pela via da sugestão e do silêncio, aparecendo como uma presença inquietante que mobiliza a imaginação do leitor. O não dito, os fragmentos esparsos de sua trajetória e a atmosfera de mistério em torno de sua figura contribuem para a elaboração de um personagem cuja força simbólica reside na incompletude e na opacidade de sua origem. Assim, Hannibal Lecter torna-se, mais do que um vilão, uma metáfora da própria inquietação humana diante do inexplicável.

Entretanto, em *Hannibal: A origem do mal* (2006), o mesmo autor revisita o passado do personagem, narrando em detalhes sua infância e juventude, os traumas de guerra e as motivações psicológicas que supostamente explicariam sua monstruosidade. Essa escolha narrativa, embora ofereça ao leitor um percurso linear de causa e efeito, acaba por reduzir a densidade simbólica construída em *Dragão Vermelho*. Ao preencher os silêncios e dar forma definitiva ao que antes era apenas sugestão, Harris compromete a ambiguidade fundamental que sustentava a aura de Lecter.

A análise aqui proposta será orientada por dois referenciais teóricos fundamentais. Em primeiro lugar, *O demônio da teoria* de Antoine Compagnon, que problematiza a tensão entre teoria e senso comum, bem como a função crítica da teoria literária diante dos lugares-comuns da leitura e da interpretação. Esse arcabouço permite compreender como a escolha por explicar em excesso o passado de Lecter em *Hannibal: A origem do mal* aproxima-se de um gesto de domesticação do enigma literário, contrariando a força da sugestão que a teoria, justamente, convida a valorizar. Em segundo lugar, dialogamos com *Problemas da poética de Dostoiévski* de Mikhail Bakhtin, cuja concepção de polifonia e de personagem autônomo ilumina a maneira como *Dragão Vermelho* preserva a multiplicidade de vozes e o caráter aberto do personagem, em contraste com o movimento monológico de *A origem do mal*, que aprisiona Hannibal em um esquema explicativo de causa e efeito.

Dessa forma, ao comparar as duas obras de Harris, este artigo busca demonstrar que o excesso de explicação em *Hannibal: A origem do mal* empobrece a figura literária de Hannibal Lecter, pois desloca sua força da sugestão e do mistério para uma psicologização simplificadora, reduzindo sua complexidade estética e

simbólica. Para tanto, o estudo organiza-se em três etapas: primeiro, a apresentação dos referenciais teóricos de Compagnon e Bakhtin que fundamentam a análise; em seguida, a leitura comparativa de *Dragão Vermelho* e *Hannibal: A origem do mal*, destacando as estratégias narrativas de construção do personagem; e, por fim, a discussão crítica que sustenta a tese central deste trabalho, concluindo pela valorização do “não dito” como elemento essencial na consolidação da potência literária de Hannibal Lecter.

2. METODOLOGIA

A metodologia adotada neste trabalho insere-se no campo da literatura comparada, entendida não como mera justaposição de obras, mas como um exercício crítico que busca evidenciar, a partir do confronto entre textos, os modos distintos de construção estética e ideológica do personagem. A comparação entre *Dragão Vermelho* e *Hannibal: A origem do mal* permitirá observar como diferentes escolhas narrativas — o silêncio, a sugestão e a polifonia, de um lado, e a explicitação causal e monológica, de outro — configuram efeitos de sentido específicos na constituição de Hannibal Lecter. Assim, a análise será orientada por uma leitura atenta de passagens significativas dos romances, apoiada nos referenciais teóricos de Antoine Compagnon e Mikhail Bakhtin, de modo a articular os elementos textuais às questões mais amplas da construção do personagem, da crítica da teoria literária e das formas de representação do mal na ficção contemporânea.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados que se almeja alcançar com esta pesquisa relacionam-se à compreensão mais aprofundada dos efeitos estéticos e simbólicos produzidos pela escolha narrativa de Thomas Harris em cada obra analisada. Busca-se demonstrar, em especial, como o silêncio e o não dito em *Dragão Vermelho* potencializam a construção de Hannibal Lecter como personagem complexo e inquietante, enquanto a tentativa de explicação psicológica e causal em *Hannibal: A origem do mal* tende a reduzir sua densidade literária. No entanto, é importante salientar que o trabalho ainda se encontra em processo de desenvolvimento e, portanto, não apresenta conclusões definitivas, mas sim hipóteses e caminhos interpretativos que serão consolidados no decorrer da análise comparativa.

4. CONCLUSÕES

Conclui-se, portanto, que a comparação entre *Dragão Vermelho* e *Hannibal: A origem do mal* evidencia duas formas distintas de construção literária do personagem Hannibal Lecter: a primeira, sustentada pelo silêncio e pela sugestão, que preserva sua potência simbólica e ambiguidade; e a segunda, marcada pela explicitação causal e pela psicologização, que acaba por empobrecer sua densidade estética. À luz dos referenciais de Compagnon e Bakhtin, torna-se possível perceber que a vitalidade literária de Lecter depende justamente da manutenção de sua incompletude, da abertura polifônica e do enigma que resiste à explicação. Embora este trabalho ainda esteja em processo,

os caminhos analisados apontam para a valorização do “não dito” como elemento fundamental na consolidação da força do personagem, sugerindo que o excesso de explicação, ao contrário de enriquecer a narrativa, pode comprometer a complexidade literária da figura construída.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

HARRIS, Thomas. *Dragão vermelho*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HARRIS, Thomas. *Hannibal: a origem do mal*. Tradução de Cassius Medauar. São Paulo: Record, 2006.